

Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1968 a 1991¹

*Information programmes on RTP's second channel:
from 1968 to 1991*

Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL) e ICNOVA
alopes@escs.ipl.pt
ORCID ID: [0000-0002-6587-1427](https://orcid.org/0000-0002-6587-1427)

Manuel João de Carvalho Coutinho

ICNOVA – FCSH
manueljoaocc@gmail.com
ORCID ID: [0000-0001-6562-0188](https://orcid.org/0000-0001-6562-0188)

Resumo: O presente artigo resulta de uma parte da investigação que procura caracterizar a evolução dos programas de informação (dos quais se excluem os noticiários) do horário nobre da atual RTP2. Tratando-se do segundo canal televisivo a surgir em Portugal, a RTP2 conheceu ao longo dos tempos diferentes designações desde a sua origem, em 1968, até aos dias de hoje. Em 2020, na II Conferência para uma História do Jornalismo em Portugal, apresentámos os programas de informação da RTP2 de 1992 a 2001. Procuramos agora dar continuidade a esse trabalho focando-nos no período de 1968 a 1991. Este recorte temporal inclui momentos marcantes da história da RTP2, desde os primeiros anos de emissão — quando o canal maioritariamente complementava a RTP1 -, até ao momento em que o canal começou a transmitir programas variados e originais. Isto acontece essencialmente no pós-25 de Abril e ao longo da década de 1980, até ao início da década de 1990, com uma RTP2 a emitir vários programas de informação marcantes no panorama nacional. Para investigar e caracterizar os programas de informação do horário nobre da RTP2, teve-se como coordenadas principais a duração, o formato, o/a jornalista que conduz o programa e a temática. Procurou-se igualmente caracterizar a evolução da RTP2 através da aferição do investimento realizado nos diferentes espaços dedicados à informação jornalística no horário nobre.

Palavras-chave: telejornalismo; programas de informação; RTP2; horário nobre.

Abstract: *This article is the result of a part of an investigation that seeks to characterize the evolution of prime time information programs (which exclude newscasts) of the current RTP2. As the second television channel to appear in Portugal, RTP2 has known different designations since its origin, in 1968, to the present day. In 2020, at the II Conference for the History of Journalism in Portugal, we presented RTP2's information programs from 1992 to 2001. We now seek to continue this work by focusing on the period from 1968 to 1991. This time frame includes important moments in the history of RTP2, from the first years of broadcast — when the channel mostly complemented RTP1 -, until the moment when the channel starts transmitting varied and original programs. This happens essentially in the post-25th of April and throughout the 1980s, until the beginning of the 1990s, with RTP2 broadcasting several important information programs in the national scene. To investigate and characterize the prime time information programs from RTP2, the main coordinates were duration, format, the journalist who conducts the program and the theme. We also sought to characterize the evolution of RTP2 by assessing the investment made in the different spaces dedicated to journalistic information during prime time.*

Keywords: *telejournalism; information programs; RTP2; prime time.*

Introdução

O estudo aqui apresentado é um dos segmentos da investigação em curso sobre o segundo canal da RTP — considerando o período de 1968 (data do seu surgimento) a 2010 -, mais especificamente sobre os programas de informação difundidos em horário nobre, excluindo-se os noticiários. Nesta análise foi considerada a fase que se situa entre 1968 e 1991. O marco temporal de 1991 justifica-se pelo objetivo de situar o estudo até à entrada das televisões privadas no panorama audiovisual português, que se deu em 1992, quando a SIC iniciou as suas emissões, seguida da TVI, um ano mais tarde.

1 Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 — Para uma história do jornalismo.

Tal como aconteceu com a análise precedente a esta — estavam em causa os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001 -, pretendemos aferir qual o investimento realizado na investigação jornalística, que implica um tempo significativo de elaboração, bem como meios humanos e técnicos mobilizados para um jornalismo de maior profundidade, comparativamente com a produção jornalística destinada aos noticiários.

Interessou-nos o percurso da RTP2, com o enquadramento a que aludimos, durante esses vinte e três anos partilhados apenas com o primeiro canal da mesma estação, a RTP1.

Marco teórico e estado da questão

Relembrando as nossas afirmações apresentadas no artigo que precede esta análise, importa reter que vários trabalhos de investigadores portugueses têm sido relevantes para a análise e reflexão das problemáticas que se focam na televisão. Voltamos a destacar alguns autores que se têm dedicado à investigação na área dos estudos sobre a televisão portuguesa, cujos estudos têm um enquadramento temporal importante na construção da história do panorama televisivo português: Nelson Traquina (1997), Francisco Rui Cádima (1999), Helena Sousa e Manuel Pinto (2004), Felisbela Lopes (2007), Alberto Arons de Carvalho (2009), Manuel Pinto (2005, coord.), Jacinto Godinho (2009), Nilza Mouzinho de Sena (2009), Eduardo Cintra Torres (2011).

Contudo, os escassos trabalhos académicos desenvolvidos especificamente sobre o segundo canal da RTP têm-se centrado na produção não jornalística, nomeadamente em programas infantojuvenis, e em períodos mais recentes da vida deste canal com 52 anos de existência. Não queremos com isto afirmar que a história da RTP2 está por fazer. A RTP tem dado a conhecer a sua história, nomeadamente no seu *site*, onde podemos consultar a obra de Vasco Hogan Teves, que trabalhou vários anos na área de informação da RTP, alguns dos quais em cargos de chefia. Os 50 primeiros anos da RTP estão bem documentados, com pormenores que ilustram bem o percurso da estação pública.²

Todavia, o nosso objetivo é o de apresentar e discutir dados que desenham a história da RTP2 segundo um ângulo por explorar: o da evolução dos programas de informação não diária, difundidos em horário nobre, excluindo-se os noticiários.

2 Cf. Lopes, A. S. & Coutinho, M. J. de C. (2021). *Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001*. ICNOVA. <https://coleccionicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/27/12>

Metodologia

Nesta análise, seguimos a metodologia já adotada anteriormente, durante parte da investigação relativa aos dez primeiros anos de coexistência da RTP com os canais privados, de 1992 a 2001. Ainda que não tenha sido possível consultar presencialmente os arquivos da RTP, já que se mantiveram as restrições de acesso devido à pandemia da COVID-19, conseguimos ainda assim fazer esta investigação através de outros documentos relativos aos anos em análise deste estudo³, como os Anuários e os Relatórios e Contas da RTP. De igual modo, esta investigação seguiu o nosso estudo anterior. Os dados recolhidos foram inseridos numa grelha Excel separada pelos seguintes parâmetros de análise: *Ano, Canal, Nome do Programa, Dia da semana/Hora, Duração média de cada Emissão, Periodicidade, Tempo Total (por ano), Jornalista(s) que conduz(em), Temática e Descrição/Tipo de Programa*. Desta forma, conseguimos ter uma leitura organizada e clara sobre a evolução dos programas de informação no horário nobre da RTP2. Neste artigo, destacaremos os principais resultados extraídos da análise desses documentos.

Resultados e discussão

Desde o tímido início do 2º Programa (como era designada a atual RTP2), em 1968, até aos dias de hoje, é possível identificar inúmeros programas de informação, programas esses muitas vezes associados a momentos de viragem na história do segundo canal da RTP. Estes momentos estão repletos de histórias e peripécias dignas de estudos a desenvolver. Um desses estudos foi apresentado pelos autores deste texto a 16 de outubro 2020, no segundo dia da *II Conferência Internacional História do Jornalismo em Portugal*, realizada no Colégio Almada Negreiros — Campus de Campolide da Universidade Nova de Lisboa. Tendo como foco os programas de informação não-diários no horário nobre da RTP2 — das 20h às 0h — abordámos a década de 1992 a 2001, uma época de mudanças significativas no panorama televisivo português, particularmente com o aparecimento da televisão privada em Portugal. Igualmente, e de forma a expor este nosso estudo, contribuímos com a nossa investigação e análise para o livro de atas da mesma conferência, através do artigo intitulado *Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001* (2021).

Se o nosso estudo anterior compreendeu um período de sensivelmente dez anos, a análise aqui presente será mais ambiciosa, já que trataremos do mesmo tema — os programas de informação não-diários no horário nobre —, mas desta vez o campo temporal é de 1968 a 1991,

3 Os nossos agradecimentos a Pedro Jorge Braumann e à equipa que coordena, na RTP.

sensivelmente vinte e três anos de emissões. Apesar de mais longo, neste período não são identificáveis necessariamente mais programas de informação originais na grelha, graças a uma primeira década de existência da RTP2 — na altura, como referimos, com o nome 2.º Programa — algo discreta no panorama nacional. De facto, começando as suas emissões a 25 de dezembro de 1968, o 2.º Programa só começaria a ter emissões regulares dois anos depois, a 21 de novembro de 1970. E, ainda assim, por essa altura o 2.º Programa estava longe de ser uma verdadeira alternativa ao primeiro canal. Apesar de o 2º Programa ter surgido durante a presidência de João Duque, o próprio não chegaria a ter um papel de relevo nas decisões da sua programação, já que em 1969 “(...) João Duque cedia o seu lugar após (...) ter concretizado um propósito enunciado logo no início do seu mandato e que era o de dotar a RTP de um 2º canal de emissão.” (Década de 60 — Do 2º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”, p. 8).

Importa destacar que, numa primeira fase, nem todos os portugueses com televisão tinham acesso ao segundo canal da RTP, sendo que em 1968, “com a entrada em funcionamento do primeiro emissor de UHF, instalado em Lisboa (Monsanto), a RTP passa a oferecer aos seus espectadores, apenas da área da capital, nessa fase de arranque, um 2.º programa” (RTP 35 anos de experiência — 1957-1992, 1992, p. 10). A expansão dos emissores ao longo do país mudaria esta situação progressivamente, como foi o caso em 1971, ano em que “o 2.º programa vai alastrando pelo País: os emissores da Lousã e do Muro começam a transmiti-lo, em Abril. O aumento de licenças por utilização de receptores de TV é o mais elevado de sempre.” (RTP 35 anos de experiência — 1957-1992, 1992, p. 11).

Apesar deste arranque pouco expressivo das emissões do 2.º Programa por todo o país, há que destacar que nestes primeiros anos o canal começava já, de facto, a emitir vários programas novos, ainda que na maioria das vezes com produção do estrangeiro: em 1971 com “As Grandes Batalhas” (programa de história), “Vivendo o Futuro” (magazine), “Museu de Cinema” e “TV Mundo” (entretenimento) (Relatório e Contas, 1971, p. 9); e em 1973, “Antologia”, um programa com documentários internacionais (Relatório e Contas, 1973, p. 11). Outros programas, como a série de documentários “Tempo Internacional” são emitidos em 1972, em simultâneo na RTP1, na altura RTP, e no 2.º Programa; mas em 1973 e 1974, “Tempo Internacional” passa exclusivamente no 2.º Programa.

Ainda assim, na maioria das vezes, durante os primeiros anos do 2.º Programa, os programas de informação não diários são emitidos em diferentes horários nos dois canais. Foi o caso dos programas “TV 7 — Revista da Semana”, de 1969 a 1971; “A Política é de todos”, em 1975; “TV Rural”, de 1975 a 1976, e “Actualidade Nacional”, em 1977. A repetição destes programas, para além de emissões repetidas do telejornal, ocupava uma boa parte do horário do 2.º Programa, não havendo por isso grande investimento em conteúdos originais de informação não diária. É de notar também que, de 1969 a 1978, o 2.º Programa tinha uma média de 1000 horas de emissão por ano, o que significa uma média de 2h30 a 3h de emissão, se houvesse emissões todos os dias do ano. Sabemos, contudo, que durante um longo período o

segundo canal tinha, por norma, apenas emissões nos dias de semana, com os fins-de-semana muitas vezes sem qualquer hora de emissão (isto muda de forma definitiva a partir do ano de 1991, veja-se: Relatório e Contas da RTP — Exercício de 1991, 1991, p. 11). Assim, durante esta primeira década de existência o 2.º Programa, a nível de informação original e de produção nacional, este canal estava longe de ser uma alternativa e serviu, essencialmente, como um suporte do primeiro canal:

O espectador começou a habituar-se a ir procurar ao 2º aquilo que lhe tinha escapado no 1º. Uma atitude que se correspondeu a propósito dos responsáveis, a verdade é que acabaria por merecer várias e apaixonadas críticas, principalmente dos mais exigentes, dos que queriam dispor, rápido, de uma real alternativa de programação, uma escolha entre os produtos que se serviam à mesma hora em duas origens diferentes. Um desejo, compreensível, dos espectadores menos acomodados, mas que ainda levaria o seu tempo a chegar. Mesmo para o Telejornal encontrou-se uma solução que se afigurava um tanto ou quanto bizarra: a transmissão em simultâneo no 1º e no 2º, quando o que parecia mais aconselhável — e chegou a ser defendido, mas sem esperança, dada a evidente indisponibilidade dos equipamentos para a gravação, fora outra argumentação menos válida —, era a transmissão em hora diferida, para que se alcançassem os espectadores que o não tinham podido ver às 21.30 h., assim se dando como correcto o raciocínio dos que usavam e abusavam do lema “se não viu no 1º veja agora no 2º”. (*Década de 60 — Do 2º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*, p. 1)

Tudo acabaria por mudar em 1978 naquilo que foi “(...) o acontecimento mais importante do ano televisivo (...)” já que “(...) o 2.º Canal — então já justificadamente baptizado de RTP/2 — arrancou para uma ampla autonomia, notada e bem, mesmo pelo espectador menos atento, pois que (...) percebeu, desde logo, que alguma coisa estava a acontecer.” (RTP 35 anos de experiência — 1957-1992, 1992, p. 14).

Este momento do percurso da RTP foi assinalado por Jacinto Godinho, no contexto do estudo sobre o papel da reportagem na produção informativa da estação pública. A partir do “primeiro curso de jornalistas que a RTP fez em 1976” inicia-se um novo caminho da reportagem. “Foi convidado para formador um experiente repórter dos canais públicos franceses, Édouard Guilbert. Pela primeira vez, toda uma geração de novos jornalistas teve acesso a uma nova dimensão da escrita audiovisual”. Este passo foi de tal forma importante que a RTP2 “passou a ter autonomia editorial em relação ao *Telejornal* e mesmo uma redacção autónoma, através do programa *Informação 2*”. Aliás, é precisamente com muitos dos jornalistas “da *Informação 2*, onde pela primeira vez surgiu uma escola de reportagem, que se constituiu a redacção do programa Grande Reportagem” (Godinho, 2011, p. 160).

Tendo suspenso, em 1978, as emissões de 21 de julho a 16 de outubro, o 2.º Programa volta como o canal RTP2, autonomizando-se da RTP1 e criando a sua própria equipa, programação e notícias. Estas alterações profundas surgiram com a presidência de João Soares

Louro, que soube identificar a estagnação em que se encontravam os dois canais quando tomou posse em 1978, afirmando: “A expectativa que se tinha acerca da televisão com a revolução [do 25 de Abril] não foi inteiramente cumprida. Só em 1978 é que mudam de facto mais as pessoas, as caras, os protagonistas, os directores, etc.” (Da Revolução à Normalização, 2004). Para o crítico e historiador de cinema Jorge Leitão Ramos foi nesta altura que verdadeiramente passaram a existir dois canais em Portugal:

A ideia de criar dois canais que sejam de facto dois canais diferentes, com estruturas diferentes com perspectivas diferentes, etc.; aparece na administração de [João] Soares Louro. (...) É uma época de facto extraordinária porque de repente aparece um canal com uma exigência cultural muito diferente do que era a televisão até aí. (...) Com a ideia (...) de ser realmente alternativa, isto é, a pessoa podia escolher entre o um e o dois e havia programas de interesse quer num, quer noutro, com uma informação completamente diferente, com uma redacção própria (Da Revolução à Normalização, 2004).

Com efeito, a partir desta nova administração e de um investimento claro na informação, através da componente da formação jornalística, surgem claras alterações perante os conteúdos apresentados anteriormente nos dois canais. Fernando Lopes, que tomaria a posse de diretor do segundo canal também em 1978, considerou que a razão que justificava a possibilidade destas alterações profundas tomarem lugar na RTP era indissociável da situação política portuguesa vivida na época:

Porque é que acontece em 1977 e 1978 (...) porque evidentemente há um momento de fraqueza, há um presidente que é o General Ramalho Eanes que tem nessa altura poderes com uma grande capacidade de intervenção, que incluíam de facto a própria televisão. (...) Ou seja há uma possibilidade das pessoas que vão para a televisão de poderem jogar com alguma fraqueza que existiria naquele momento no aparelho político e poderem fazer a sua própria proposta. Porque no fundo nós sabíamos que tínhamos, quer o João [Soares Louro] quer eu, o apoio do General Ramalho Eanes nessa matéria. Portanto é um momento político muito especial (Da Revolução à Normalização, 2004).

E, de facto, estas alterações têm um impacto direto na RTP2, que, neste período, altera profundamente a sua programação, em especial ao nível da informação que “(...) estava sob a alçada de Hernâni Santos, com os auxiliares Carlos Pinto Coelho (Informação/2 e informação diária), José Alberto Machado (actualidades; informação não diária) e Ramiro Mendes (secretário de redacção). A Informação/2 dispunha de cerca de 25 profissionais.” (E.V., 2003). Já a partir de 1978 surgem programas de informação novos como: “Directíssimo” (1978), “Cartas na Mesa” (1978-79), “Jornais e Jornalistas” (1978-1979), e “A Par e Passo” (1978-1981). Destes programas é de destacar o “Cartas na Mesa”, que tinha como formato um debate conduzido por um jornalista que entrevistava o convidado escolhido; e o “Jornais e Jornalistas”, com

comentário de um jornalista às principais notícias da imprensa nessa semana. Por ele passaram nomes como: Alexandre Manuel, do *Diário de Notícias*; Silva Tavares, do *Comércio do Porto*; José Sampaio, d’*O Dia*; César Camacho, d’*O Expresso*, entre outros (Anuário de 1978, p. 166). Estas alterações profundas na RTP2 tiveram igualmente um impacto no telejornal, pois pela primeira vez o primeiro canal e o segundo canal competiam diretamente com diferentes alinhamentos. O que tornou este telejornal diferente, como identifica o jornalista Joaquim Furtado, foi o facto de este ser “(...) um telejornal criado por um grupo de jornalistas seleccionados de raiz (...) por um director: Hernâni Santos.” (Da Revolução à Normalização, 2004). Hernâni Santos explicaria, na altura, o seguinte:

A concorrência com o primeiro canal será qualitativa, mas não será absurda. (...) Se eu puder apresentar no segundo canal uma notícia em primeira mão ou uma boa reportagem, certamente não a irei dar ao primeiro canal. De resto, penso que o primeiro canal fará a mesma coisa. As redacções ficaram fisicamente separadas, temos estúdios diferentes, e só alguns meios operacionais são comuns, o que afinal não é entrar na tal concorrência ruínosa (E.V., 2003).

Contudo, esta mudança significativa não durou muito tempo. Em 1980, com a mudança política em Portugal — Francisco Sá Carneiro chefia o VI Governo Constitucional — muda também a direcção da RTP, terminando a era de João Soares Louro. As direcções de informação da RTP1 e da RTP2 voltaram a unir-se e assim termina este período de 1978 a 1980 quando, como o jornalista Joaquim Furtado refere, “(...) foi possível fazer de facto informação de uma forma isenta” (Da Revolução à Normalização, 2004). Todavia, o impacto na RTP2 estava feito e o canal que outrora servia praticamente para apoiar e repetir a programação da RTP1, emitindo apenas alguns programas originais, conheceu neste período da administração de João Soares Louro uma alteração profunda que continuou a ter repercussões na grelha da RTP2, desde então com novos programas de informação não diários a surgir nos anos seguintes e a alterar profundamente o paradigma da RTP pré-1978. Atente-se, por exemplo, a programas como: “Estúdio Aberto” (1981-1984), “Complemento Directo” (1981-1982), “Quarta Há Noite” (1981-1982), “Republica / Rés Pública” (1981-1984), “Directo/2” (1985-1986) e “Nós Por Cá” (1985-1986), entre outros.

Note-se que quando aqui falamos de programas de informação diária referimo-nos ao telejornal e a outros programas diários informativos na grelha da RTP2; por informação não diária, como o próprio nome indica, referimo-nos aos programas informativos emitidos temporariamente na grelha da programação (tipicamente bissemanal, semanal, quinzenal ou mensal). De sublinhar também que o foco deste estudo está por isso nos programas de informação não diários, em particular naqueles que são emitidos no horário nobre. Ora, no seguimento desta nota é importante esclarecer que os programas de informação que passaram na RTP2, e que procuramos recolher ao longo desta investigação, não são sempre programas de teor jornalístico e/ou de reportagem, incluindo-se nestas horas de emissão outro tipo

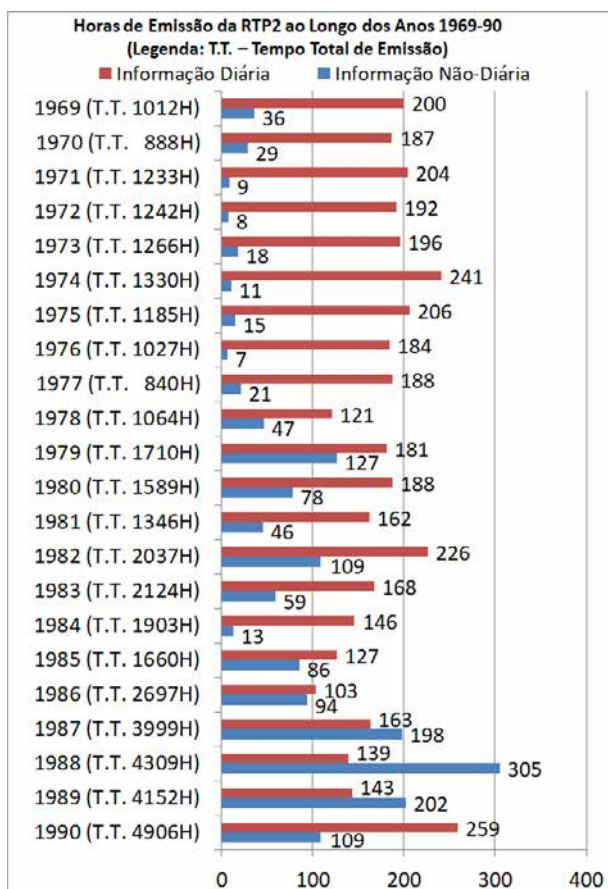
de programas (como por exemplo, programas de meteorologia ou de temas ligados à cultura).

Sendo o foco deste estudo os programas de informação não diária do horário nobre e de teor jornalístico, destaque-se na segunda metade de 1980 programas como: “A Hora da Verdade”, 1988-1990, com uma reportagem seguida de um debate conduzido por Miguel Sousa Tavares e Margarida Marante; e “Sinais do Tempo”, 1988-2003, com o foco numa reportagem sobre um tema da atualidade. É igualmente importante salientar, neste período da década de 1980, a exibição de programas como “Clube de Imprensa”, 1982-1983 e 1987-1988, um programa de entrevistas da responsabilidade do Clube Português de Imprensa, com um guião de perguntas concebido por jornalistas; e o “Clube de Jornalistas”, 1987-1988, da responsabilidade do Clube de Jornalistas, igualmente centrado em entrevistas.

Com o surgimento de novos programas, a RTP2 aumentou progressivamente na década de 1980 as horas dedicadas a informação diária e não diária, assim como o seu tempo total de emissão. Neste sentido, e antes de abordar este tópico, considere-se agora o seguinte gráfico que sistematiza esta evolução de 1969 a 1990.

Gráfico 1

Tempo Total de Emissão (T.T.), Informação Diária e Não diária na RTP2 de 1969 a 1990



Fonte: Elaboração própria realizada com dados recolhidos dos Anuários da RTP, de 1969 a 1990

Veja-se do lado esquerdo os diferentes anos seguidos de T.T., que significa o Tempo Total de emissão nesse ano; a vermelho as horas de informação diária e a azul as horas de informação não diária, em cada ano na RTP2, de 1969 a 1990. De notar que decidimos não incluir 1991 pois os seus valores colidem consideravelmente com os restantes anos e dificultam por isso a leitura dos outros dados apresentados no presente gráfico (contudo, e por motivos de comparação, insere-se de seguida essa informação: 139 horas para informação não diária, 668 para informação diária e tempo total de emissão de 5637 horas). Importa dizer também que todos os dados recolhidos para este Gráfico 1 foram retirados dos Anuários da RTP e basearam-se no critério escolhido pela RTP para diferenciar programas diários de não diários. Procurámos aqui vincar este ponto pois, no nosso critério, alguns dos programas identificados como não diários são, aparentemente, pela descrição retirada dos Anuários da RTP, programas diários. Um exemplo disto pode ser visto nos programas “Trinta Minutos com...” (1987-1989) e “Pontopor Ponto” (1987-1988) que são descritos como não diários, mas foram na verdade emitidos todos os dias. Estes dois programas acabaram por inverter os números apresentados no Gráfico 1, sendo possível identificar que excepcionalmente nos anos de 1987 a 1989 o tempo de informação não diária supera a informação diária, segundo os critérios e organização dos Anuários da RTP sobre os programas de cada ano em estudo.

Dito isto, e regressando ao gráfico, é possível perceber que a RTP2, durante o período de análise para este estudo, aumentou progressivamente o seu tempo de emissão e horas dedicadas à informação não diária, sendo que o tempo de informação diária — maioritariamente dedicado ao telejornal e meteorologia — parece não aumentar significativamente neste período. De facto, se, como referimos anteriormente, a RTP2, entre 1969 e 1978, tinha cerca de 1000 horas de emissão anuais, de 1979 a 1985 passou a ter uma média de 1750 horas por ano (com valores a subirem gradualmente, passando sempre, a partir de 1992, a ser superior a 5000 mil horas de emissão por ano). E o tempo dedicado aos programas não diários de informação aumenta igualmente, passando de uma média de 17 horas por ano, de 1969 a 1977, para uma média de 63 horas, entre 1978 e 1980, o período que referimos há pouco como de mudança para a RTP2. Nos anos seguintes, de 1981 a 1986, os programas de informação não diários ficam na média de 67 horas anuais, com picos — 109 horas, em 1982 — e descidas — 13 horas, em 1984. A partir de 1987, passa a ter 200 ou mais horas anuais. Esta aposta na informação, no fim da década de 1980, foi reforçada quando, em 1989, a RTP conhece uma nova reestruturação interna: “Procurando, também, um novo e mais amplo envolvimento das várias áreas de actividade, a RTP foi alvo de profunda reestruturação interna, com (...) José Eduardo Moniz, para o canal 1; e Adriano Cerqueira, para o canal 2.” (RTP 35 anos de experiência — 1957-1992, 1992, p. 23). Adriano Cerqueira afirmaria, um ano depois, a vontade de tornar o canal da RTP2, na altura RTP Canal 2, uma assegurada alternativa no panorama nacional: “«Estamos a fazer uma programação que será, de facto, uma alternativa para as pessoas que estão em casa e que só vêem a RTP»” (RTP 35 anos de experiência — 1957-1992, 1992, p. 23) E, de facto, a década de 1990 seria uma altura de mudanças significativas no investimento em programas de informação na RTP2, face o

aparecimento da televisão privada, algo que foi já alvo de estudo no nosso texto *Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001* (2021).

Conclusões

Ao longo da sua existência, a informação na RTP foi ganhando outros espaços, para além dos noticiários. Refere Jacinto Godinho, aludindo ao programa TV 7 “(...) em 1964, a informação televisiva deixara de ser apresentada exclusivamente nos telejornais. O recém-criado Serviço de Actualidades da RTP dá início a um magazine semanal onde se projectava um outro aprofundamento das notícias e da reportagem” (Godinho, 2011, p. 146). Esse programa, que durou cerca de dez anos e chegou a ser transmitido em simultâneo nos dois canais da RTP, entre 1969 e 1971, indiciava essa vontade de conferir à área da informação outras possibilidades, que passariam pela investigação de assuntos de interesse nacional.

Com percebemos pela análise apresentada, o segundo canal da RTP não se afirmou imediatamente como alternativa ao primeiro canal. Só em 1978, com o programa semanal “Directíssimo”, o público tem acesso a informação não diária autónoma, na atual RTP2. O formato assentava na entrevista a individualidades da cena política, mas também cultural, portuguesa. Dois anos depois, deu lugar a “Cartas na Mesa”, cujo modelo não diferiu substancialmente do antecessor.

Só na segunda metade da década de 1980 se assistiu à entrada de programas de grande informação nos quais a reportagem era central. No caso de “Sinais do Tempo”, com uma longevidade considerável — de 1988 a 2003 -, era emitida semanalmente (por vezes, quinzenalmente) uma grande reportagem sobre um tema de especial relevância. A amplitude temática era significativa — o assunto poderia ser da área da saúde, mas também da política nacional ou internacional. José Mensurado, Paulo Dentinho e Vasco Matos Trigo alternaram na apresentação do programa, que tinha duração média de uma hora e que contou com reportagens de jornalistas conceituados, como é o caso de José Manuel Barata-Feyo.

Outros dois nomes relevantes do jornalismo televisivo, Miguel Sousa Tavares e Margarida Marante, foram os rostos d’ “A Hora da Verdade”, que se centrava em assuntos nacionais, como, por exemplo, o sistema prisional português, a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, a sinistralidade nas estradas portuguesas. Também neste programa quinzenal, no ar de 1988 a 1990, a reportagem esteve presente; no caso, como base de debate em estúdio conduzido pelos referidos jornalistas.

Assim, podemos afirmar que, de 1968 a 1991, os programas de informação não diária emitidos na RTP2 foram maioritariamente realizados com recurso a entrevistas em estúdio; contudo, o investimento técnico e humano na produção jornalística centrada na reportagem — o género nobre do jornalismo — manifestou-se de forma expressiva na segunda metade da década de 1980, através dos programas que destacámos.

Referências bibliográficas

- Cádima, F. R. (1999). *Desafios dos novos media, a nova ordem política e comunicacional*. Editorial Notícias.
- Cádima, F. R. (2010). *Televisão, Cidadania e «História Única»*. Uma Análise da Bibliografia Portuguesa Sobre o Jornalismo Televisivo em Portugal. *Media & Jornalismo*, 9(17), 95-117.
- Carvalho, A. A. (2009). *A RTP e o Serviço Público de Televisão*. Almedina.
- E. V. (2003). A emancipação do “irmão mais novo”. *Público*. <https://www.publico.pt/2003/12/21/jornal/a-emancipacao-do-irmao-mais-novo-209271>
- Godinho, J. (2011). *As Origens da Reportagem - Televisão*. Livros Horizonte.
- Lopes, A. S. & Coutinho, M. J. (2021). Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1992 a 2001. In Baptista, C., Sousa, J. P. & Azevedo, C. (Coords.), *Para uma história do jornalismo em Portugal* (Vol. II, pp. 422-436). ICNOVA.
- Lopes, F. (2007). *A TV das elites: estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas: 1993-2005*. Campo das Letras, editores, CECS. <http://hdl.handle.net/1822/41122>
- Pinto, M. (Coord.). (2005). *Televisão e Cidadania. Contributos para o debate sobre o serviço público*. Campo das Letras, editores, CECS. <http://hdl.handle.net/1822/41881>
- Sena, N. M. de. (2009). *A evolução da grelha programática pré- e pós-Telejornal (1959-2009)*. *Comunicação e Sociedade*, 15, 127-147. [https://doi.org/10.17231/com-soc.15\(2009\).1048](https://doi.org/10.17231/com-soc.15(2009).1048)
- Sousa, H. e Pinto, M. (2004, June, 25-30). *The Economics of Public Service Television and the Citizenship Rhetoric* [Conference presentation] Association for Media Communication Research (IAMCR), Porto Alegre. <http://hdl.handle.net/1822/1003>
- Torres, E. C. (2011). *A televisão e o serviço público*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Traquina, N. (1997). *Big Show Media - viagem pelo mundo do audiovisual português*. Editorial Notícias.

Outras fontes

- Anuários da RTP, de 1968 a 2002.
- Relatório e Contas da RTP, de 1967 a 2002.
- RTP 35 anos de experiência — 1957-1992* (1992). Nova Força, CRL.
- RTP — 50 anos de história*. (n. d.). *Década de 60 — Do 2º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*. <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe50/default.htm>
- RTP Arquivos. (2004). *Da Revolução à Normalização*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/da-revolucao-a-normalizacao/>